

## A Educação Básica: um diálogo com o currículo e o sujeito em formação

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a importância das experiências culturais em sala de aula, a organização curricular das instituições educacionais, acreditando que as experiências precedentes dos estudantes são de extrema importância. Valorizar esses saberes como base para reorganizar outros conceitos, favorece ao conhecimento científico. Essa relação entre cultura e currículo evidencia uma melhor integração com as reais necessidades dos estudantes da educação básica. Nessa perspectiva o desafio é compreender as contribuições do pensamento de Paulo Freire para uma educação emancipatória, partindo da ideia que o seu pensamento está sempre em movimento e diálogo, com diferentes questões contemporâneas, como elementos norteadores para a construção da teoria sócio histórica crítica e eticamente empenhada na humanização dos sujeitos. Nesta direção o artigo analisará os elementos que configuram a proposta educacional libertadora, o diálogo com as categorias fundantes do pensar freiriano para tratar das questões sobre o currículo, levando em consideração a perspectiva sócio histórico de Vygotsky traduzindo o fortalecimento do ensino científico nas escolas e a relevância da formação docente mediada por práticas investigativas, que garante aos professores a autonomia necessária para construções metodológica própria do enfrentamento profissional.

Palavras-Chave: Educação, Currículo, Paulo Freire.

### **Introdução**

Este artigo tem por objetivo reconhecer e compreender as contribuições de Paulo Freire nas práticas pedagógicas da Educação Básica. A fundamentação teórica deste trabalho é a teoria sócio histórica de Vygotsky e a teoria da Educação Libertadora de Paulo Freire. É importante destacar que Paulo Freire é reconhecida no âmbito das práticas educacionais e sociais no Brasil e em diversos países, um dos intelectuais mais referenciado entre os 100 mais importante do mundo. Formulou uma pedagogia dos silenciados e da responsabilidade social, dos oprimidos e dos que estão comprometidos com eles, e com eles lutam, defende a importância da leitura como ato político de transformação e libertação. Suas contribuições e questionamentos no âmbito educacional ampliaram as discussões no campo do currículo proporcionando um aprofundamento e superação das concepções restrita e fragmentada, hoje o currículo é visto como um instrumento de ação política e pedagógica retratando valores e interesses da sociedade trazendo também uma concepção de educação e de sujeito que se quer formar. Por outro lado, Vygotsky é reconhecido mundialmente por defender o ensino como processo social. Apesar de terem vivido em épocas e contextos diferentes, o pensamento de Freire e Vygotsky se aproximam, e muito. Gadotti (1996) afirma que foi somente no final de sua vida que Freire entrou em contato com a produção de Vygotsky, mas que eles se

assemelham em vários aspectos. Enquanto a teoria de Vygotsky se preocupa com o desenvolvimento psicológico do sujeito, Freire se volta aos aspectos pedagógicos, ou seja, à Educação. Essa constatação nos leva a acreditar que se compreendemos a educação como prática social que tem como fim último promover o desenvolvimento humano, parece fértil adotar as ideias desses autores para explicar os fenômenos que pretendemos investigar. A primeira aproximação dessas duas teorias está na base epistemológica: o materialismo histórico-dialético. Ambos os autores se utilizam de conceitos do marxismo para fundamentarem seus postulados. Vygotsky cunha do marxismo o uso de instrumentos para a transformação da natureza, elabora a noção de signo e sua função na transformação do psiquismo humano. Toma como base o materialismo dialético e histórico para compreender o contexto e as ações do sujeito, entendendo o fenômeno psicológico como em constante movimento. O método dialético de Marx, contribuiu para a formulação da proposta de Freire com as ideias de práxis e de compreensão da luta de classes, da opressão exercida pela classe dominante à classe dominada, e da maneira como se dá o processo para que os oprimidos continuem na alienação. Outro ponto de aproximação desses dois autores, é a concepção do sujeito como histórico-cultural.

Com relação ao trabalho pedagógico percebe-se que atualmente muito se fala em autonomia, alguns autores como (BASSO, 1998; ARENDT, 2002; MARTINS, 2002; LÜDKE; BOING, 2004; SOUZA, 2005) tratam da autonomia do professor e da escola de diferentes perspectivas. Esses trabalhos buscam, ao definir o que seria a autonomia docente, uma forma de melhorar a educação, de melhorar as relações existentes no contexto escolar, de pensar no papel da escola e do professor na formação do estudantes, de abolir o abuso da autoridade, que virou autoritarismo e afeta as relações dentro da escola, de reduzir a burocracia e a política como influência direta e, muitas vezes, negativa do trabalho. Cada vez mais o professor assume a função de educar as crianças em todos os sentidos. No entanto, ao mesmo tempo em que a escola e o professor assumem essas responsabilidades a eles delegadas pela sociedade em geral, eles são desacreditados, seu trabalho é posto em xeque e novas ações são impostas na tentativa de melhorar a qualidade da educação, sem que os maiores interessados sejam consultados.

Paulo Freire defende uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando. O professor deve estar em estado de busca permanente para reconhecer o caráter histórico do conhecimento como uma produção social resultante da ação e reflexão autônoma, provocada pela competência técnico-científica e rigor do

desenvolvimento do trabalho docente, possibilitando ao educando se assumirem enquanto sujeitos sócio histórico cultural do ato de conhecer.

Segundo Freire (1996), a gestão democrática e a autonomia escolar/educativa constituem um dos alicerces para a reinvenção de um currículo que permita a construção de espaços democráticos, de reflexão e diálogo, contemplando assim, a construção coletiva dos sujeitos que fazem parte do processo. Pensar um currículo coletivo que permita a reinvenção, participação, interferência, sugestão, adequação, modificação, reavaliação e demais reflexões que fazem parte do cotidiano é necessário para não forjar a identidade escolar.

Nessa perspectiva é possível compreender que a escola contribui para o processo de aprendizagem e construção do conhecimento não apenas através de seus conteúdos explícitos, mas também pelo seu currículo, que contempla suas ideologias e sua forma de atuação. Para tanto, a participação de todos sujeitos envolvidos nesse processo educativo se faz necessária nessa construção para que a formação do estudante vá ao encontro dos anseios da sociedade, contribuindo, assim, de maneira significativa para a modificação de uma realidade. Além disso, o envolvimento na construção de um currículo que represente a realidade sócio cultural dos sujeitos protagonistas envolvidos no processo educativo, considerando toda sua bagagem cultural, histórica e social, impulsiona para um engajamento e estímulo no processo de ensino e aprendizagem, traduzindo em uma pedagogia dialógica e crítica-reflexiva. A Escola não é uma construção que está a interesse individual, mas do coletivo. Não pertencem exclusivamente aos dirigentes escolares, aos professores, mas principalmente devem pertencer aos educandos, pois estes devem ser chamados a construir seu currículo e a problematiza-lo, não simplesmente aplica-lo ou consumi-lo.

### **Como se organiza a Educação Básica brasileira?**

A educação básica ou ensino básico é o nível de ensino correspondente aos primeiros anos de educação escolar. No Brasil, a educação compreende a dois níveis de ensino: a educação básica e a educação superior. A educação básica é formada por três etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e as modalidades de ensino, Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Educação Especial, conforme (LDB de 1996). Tem como duração ideal sete anos, compreendendo assim dos quatro aos dezessete anos de idade. É durante este período de vida escolar que toma-se

posse dos conhecimentos mínimos necessários para uma cidadania completa. Serve também para tomada de consciência sobre o futuro profissional e área do conhecimento que melhor se adapte. Em suas singularidades, os sujeitos da Educação Básica, em seus diferentes ciclos de desenvolvimento, são ativos, social e culturalmente, interagem em diferentes espaços, compartilhando saberes, ao longo de seu desenvolvimento físico, cognitivo, socioafetivo, emocional tanto do ponto de vista ético, quanto político e estético, na sua relação com a escola, com a família e com a sociedade em movimento, ou seja, são cidadãos de direito e deveres em construção.

### **Desafios da Educação básica**

A organização do tempo curricular da educação básica deve ser construída em função das peculiaridades de seu meio e das características próprias dos seus estudantes. Pensar um currículo que aborda um conjunto de valores e práticas que proporcionam a produção e a socialização de significados no espaço social, que contribuem intensamente para a construção de identidades sociais e culturais dos estudantes, transformando um percurso formativo aberto e contextualizado, incluindo não só os componentes curriculares centrais obrigatórios, previstos na legislação e nas normas educacionais, mas também, conforme cada projeto escolar estabelecer. Há outros componentes flexíveis e variáveis que possibilitem percursos formativos que atendam aos inúmeros interesses, necessidades e características dos educandos. Entendendo que a escola precisa acolher diferentes saberes, diferentes manifestações culturais em diferentes óticas, empenhar-se para se constituir, ao mesmo tempo, em um espaço de heterogeneidade e pluralidade, situada na diversidade em movimento, tornado possível um processo fundamentado no princípio emancipador. Paulo Freire em seus estudos observa a prática educativa como transformadora e alerta ser fundamental que o professor esteja disposto/aberto a mudar e que realmente elabore um novo currículo que vise acolher as necessidades dos educandos, essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à produção do conhecimento. De nada adianta o professor observar os estudantes de forma homogênea, não respeitando suas particularidades. Isso faz com que as aulas sejam transmitidas de forma idêntica para todos, e a finalidade da escola se resume apenas a transmitir os conhecimentos socialmente acumulados e vistos como importantes pelo grupo social hegemônico, normalmente esquecem de que os estudantes vão para a escola com metas e objetivos. Valorizar a história, os saberes sociais dos educandos é importante. Ensinar exige estética

e ética (Freire, 1997, p.15). Educar é subjetivamente formar e respeitar os seres históricos sociais”.

Quando agimos como se nossos estudantes fossem análogos perdemos a mola propulsora da construção do conhecimento, quando igualamos todos consagramos as desigualdades e as injustiças relativas às raízes sociais dos estudantes, e esta não deve ser de modo algum a função da escola. Esta, deve garantir conhecimentos socialmente produzidos, elaborado e sistematizado, consolidando saberes e efetivação sua função social. Saviani defende

Que a função social da escola é a de propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola devem organizar-se a partir dessa questão. (SAVIANI, 2013, p.14).

Os estudantes destituídos do domínio dos conhecimentos e saberes historicamente acumulados pela humanidade não conseguem obter elementos fundamentais para realizar uma reflexão crítica acerca da realidade em que vivem impossibilitando a transformação da mesma. Propor ao educando uma busca ativa faz parte da prática pedagógica.

[...] Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valer os seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que servem exatamente desses conteúdos culturais, para legitimar e consolidar a sua dominação. Eu costumo, às vezes, enunciar isso da seguinte forma: o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação (BATISTA, apud SAVIANI, 2012, p.17).

Ensinar não é transferir conhecimentos é respeitar a história, a cultura é estar aberto é contribuir na construção do conhecimento dos sujeitos envolvidos no processo ensino aprendizagem. “Não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino” (Freire. 1997, p.32).

A escola contemporânea deve ter, como objetivo fundamental, levar seus estudantes a pensar criticamente sobre a sociedade a qual estão inseridos, distinguirem seus problemas e por meio dessas reflexões procurar formas de modificação concreta. Não cabe somente ensinar a ler e escrever, é fundamental incitar o pensar e o argumentar. Freire (2001). A inserção dos saberes, experiências dos estudantes como base para construção do conhecimento na escola é indispensável nesse processo formativo. A natureza humana constitui-se na sua história, na sua finitude.

Vygotsky acredita que o homem só se constitui mediado pela história. Logo, não deve ser deslocado de seu contexto para ser estudado, pois, ao longo de seu

desenvolvimento, sofre influência da cultura e da história na qual está inserido, enquanto para Freire, o homem se encontra inserido em uma realidade social que deve ser utilizada como ponto de partida para a sua compreensão. O homem deve ser compreendido como uma totalidade e não como um sujeito isolado, em que pensar e agir criticamente a realidade na busca de transformá-la, faz parte da sua natureza, no caminho de sua humanização (FREIRE, 1999, 2005). Assim, o homem só se humaniza na medida em que se apropria da cultura, ou seja, é na interação, nas relações sociais que os sujeitos se constituem e produzem conhecimento, para reconhecer a si mesmo, o sujeito precisou, antes, estabelecer relações com outros. Freire (1996, 1999, 2005) entendia que por meio da união dos homens é que se constrói a possibilidade de mudança. Só a escola é capaz de proporcionar a socialização e democratização do acesso ao conhecimento e promover a construção moral e ética nos estudantes. Esses dois papéis compõem a formação de pessoas conscientes, críticas, engajadas e com potencial de transformação de si mesmas e da sociedade. A tomada de consciência se dá em um processo de interação entre os homens, na busca utópica de transformação da realidade que oprime, tornando-se assim viável e se apresentando como uma nova condição. Ou seja, é a partir do outro, da internalização da cultura mediada por esse outro, que o sujeito se constitui como singular.

O diálogo e a linguagem é um dos princípios das práticas pedagógicas, configura-se como condição fundamental no processo educacional e nas relações inter-humana. É por meio da linguagem que o sujeito transforma o concreto em abstrato, se comunica, desenvolve consciência crítica, ou seja A linguagem é constituída socialmente, por isso carrega tudo o que há de produção na sociedade.

A escola é o caminho para a humanização, e para a ação consciente passando pela liberdade de escolha, pela responsabilidade na tomada de decisões. Não podemos nos esquecer, também, do social, do cultural, tão importantes no processo de desenvolvimento de um sujeito autônomo. As influências do meio têm papel importante na constituição da autonomia, já que é nesse espaço que se abrem oportunidades de o sujeito exercer suas ações com responsabilidade e autonomia. Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”. Freire (1997, p.99). Tornando seres humanos consciente de si e de seu papel na sociedade.

## **Considerações Finais**

Compreendermos que vivemos numa sociedade a serviço do mercado, entendemos a urgência de se pensar e repensar os currículos no Brasil a partir de uma visão libertadora e emancipatória alicerçados principalmente nos princípios da solidariedade. Pensar na autonomia docente não é tarefa fácil e nem se esgota nas reflexões aqui apresentadas. O trabalho do professor deve ser visto de forma ampla e completa, com todas as influências que o cercam: política, instituição, estudantes, outros profissionais, os autores aqui estudado, nos põem para refletir sobre essas influências, em como o meio é fundamental para a constituição do sujeito, ao mesmo tempo em que esse sujeito também constitui o meio: meio autônomo, sujeito autônomo. No trabalho pedagógico sempre haverá obstáculos, e devemos decidir o que fazer com eles. A tarefa é árdua. Por inúmeras vezes teremos que fazer força e saltar sobre eles, outras vezes será possível contorná-los e começar outra vez. Assim acontece nas salas de aula! Dessa forma, à medida que o sujeito vai se constituindo, de acordo com o que lhe é significado pelos outros, vai produzindo seus próprios significados e assumindo o controle voluntário de seu comportamento. A linguagem não deixa de existir, mas ela deixa de ser somente externa e exercida pelo outro, para se tornar interna, exclusiva daquele sujeito, que agora se torna capaz de se regular e tomar decisões, já que internalizou as normas e regras do social.

Segundo o artigo primeiro, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, a “[...] educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (BRASIL, 1996, p. 1). É importante que o professor contemporâneo aprenda a lidar com as diversidades culturais que se apresentam em nossas salas de aulas e que, em muitas ocasiões, nos provocam reflexões e mudanças.

Na realidade brasileira, quando pudermos dizer que nossos currículos estão sendo pensados e organizados para alunos reais, com histórias e vivências ricas, sem a lente embaçada pelo preconceito frente à cultura? poderemos falar então em uma escola que deseja e trabalha por um indivíduo crítico e autônomo? Desse modo, carecemos decidir o que fazer com nossos obstáculos, mas, jamais devemos desistir de nossos caminhos, podemos até encontrar novos, mas jamais desistir da caminhada por uma educação de qualidade.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BASSO, I. S. **Significado e sentido do trabalho docente**. Caderno CEDES, v. 19, n. 44, 1998. Disponível em: . Acesso em: 16 abr. 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. GADOTTI, M.;
- FREIRE, P. **A prática à altura do sonho**. Disponível em: . Acesso em: 29 set. 2007.
- LÜDKE, M.; BOING, L. A. **Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes**. Educação & Sociedade, v. 25, n. 89, p. 1159-1180, set./dez. 2004. Disponível em: . Acesso em: 16 abr. 2007. MARQUES, L. P.; OLIVEIRA, S. P. P. **Paulo Freire e Vygotsky: reflexões sobre a educação**. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 5., 2005, Recife. Memórias dos Colóquios on-line... Recife: [s.n.], 2005. Disponível em: . Acesso em: 05 ago. 2007.
- MARTINS, A. M. **Autonomia e educação: a trajetória de um conceito**. Cadernos de Pesquisa, n. 115, p. 207-232, mar. 2002. Disponível em: . Acesso em: 16 abr. 2007.
- VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas III: problemas del desarrollo de la psique**. Visor Distribuciones: Madrid, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRASIL. **LEI nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 05 out. 2010.
- BATISTA, Eraldo Leme. **A Pedagogia histórico-crítica como teoria transformadora - da consciência filosófica à prática revolucionária**. In: MARSIGLIA A.C.G.; BATISTA, E. L. **Pedagogia Histórico-Crítica desafios e perspectivas para uma**



**educação transformadora.** Campinas, SP: Autores Associados, 2012 (Coleção Educação Contemporânea)

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia.** 42º. ed. Campinas SP: Autores Associados, 2012. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 11º. ed. revisada. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. (Coleção Educação Contemporânea).